

## **Redes Folkcomunicacionais e a Constituição de Políticas Públicas<sup>1</sup>.**

Cristina Schmidt<sup>2</sup>

UMC/Cátedra Unesco-Metodista/FABE

### **RESUMO**

Este artigo aborda a cultura como processo comunicacional em redes sociais explícitas e implícitas em suas manifestações. Esses espaços culturais são oportunidades de comunicação, e têm demarcado os campos midiáticos e institucionais. Por meio dos processos folkcomunicacionais os grupos estabelecem diferentes redes micro e macro estruturais, trocam informações, assimilam características, dando-lhes formas e significados. Com o método etnográfico, em observações participantes e dinâmicas de grupo - entre elas a da “colcha de retalhos” identificou-se seu universo cultural, e suas lideranças. Por meio de memórias e histórias de vida, a atuação social. Um diagnóstico teórico e empírico referenciado pela teoria da folkcomunicação e dos estudos culturais. Aqui se evidenciou as redes comunicacionais da cultura popular contemporânea e suas relações intergrupais na comunidade local, e promoveu o entendimento dessas redes, com forte atuação de líderes folk, são estimuladoras de grupos de pressão para a constituição de políticas públicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Folkcomunicação, Redes Sociais, Memória, Patrimônio Imaterial, Políticas Públicas.

### **1. Comunidades Marginalizadas**

As comunidades, à margem do contexto comunicacional hegemônico e globalizado, se comunicam de maneiras singulares e vão, de tempos em tempos, incluindo elementos que não fazem parte de seu território. Elas vão do local ao global e retornam com outros significados, pois estabelecem interações na elaboração de seus bens culturais. Acentuadamente nas três últimas décadas, os grupos sociais e suas manifestações são notadamente resultado do que o sociólogo Nestor Garcia Canclini define como *hibridismo*

---

<sup>1</sup> Texto elaborado para apresentação no XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, DT8 – Estudos Interdisciplinares, NP - Folkcomunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela PUC-SP. Formada em Jornalismo e Mestre em Teoria e Ensino da Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. É pesquisadora da Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação Regional. Sócia Fundadora da Rede Folkcom e Sócia Colaboradora da INTERCOM. Leciona na Universidade de Mogi das Cruzes/SP, no Mestrado de Políticas Públicas, e na Faculdade Bertogã. Email: [cris\\_schmidt@uol.com.br](mailto:cris_schmidt@uol.com.br).

*cultural* mundial que, por meio do discurso da economia globalizada, é coautor dos modos culturais contemporâneos. Ele apresenta três processos para explicar a hibridação: “(...) a quebra e a mescla dos conjuntos que organizavam os sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros.” (CANCLINI: 1995, p.264)

A partir dos referenciais da folkcomunicação é possível trazer as características das expressões culturais da sociedade contemporânea. Aliás, é justamente na dinâmica social e nas manifestações de grupos marginalizados dos processos hegemônicos que esse campo de estudos atualiza sua metodologia e se expande entre o meio científico para estudar a realidade atual, em seus processos e seus protagonistas.

Compreender a atuação do líder folk, ou líder de opinião, nesse contexto contemporâneo é fundamental. De acordo com o jornalista e pesquisador Luiz Beltrão

A liderança está intimamente ligada à credibilidade que merece no seu ambiente e à habilidade do agente comunicador de codificar a mensagem ao nível do entendimento dos seus receptores.” Como a sociedade é discriminatória e elitiza as formas de comunicação – por mais massivas que pretendam ser – desconsidera a maioria da população que tem processos peculiares de comunicação, “através de um vocabulário escasso e organizado dentro de grupos de significados funcionais próprios”. Para isso, o líder de opinião, por sua vez, vai estabelecer uma troca informacional com outros líderes e segmentos para formar um arcabouço que lhe dê credibilidade e sustentabilidade no grupo. Lazarsfeld denomina de “fluxo em muitos estágios. (2001, p.69)

Então, intermediando os processos folkcomunicacionais, o líder de opinião ou líder *folk*, tem o papel de ampliar a intercomunicação nas comunidades, elucidando as contradições macroestruturais, e evidenciando a luta de poder nas esferas hegemônicas, bem como formulando estratégias para a apropriação de conhecimento, tecnologias, e espaços políticos para o bem social. Essa dinâmica compõe uma circularidade e velocidade cada vez mais acentuada de informações, fazendo com que a audiência folk estabeleça redes comunicativas mais intensas com as lideranças e com grupos diversos. Osvaldo Trigueiro apresenta esse tipo de recepção com duas posturas: ativa e ativista. Segundo ele,

na audiência midiática ou folkmediática não existe o espaço vazio, não existe o sujeito ausente ou sem a capacidade de decodificar o grande volume de mensagens chegadas através da comunicação hipermidiática. O que existe é uma maior ou menor relevância, um maior ou menor grau de engajamento do sujeito constituinte da audiência. (TRIGUEIRO: 2005, p.4)

O líder irá mediar as informações advindas da sociedade refletindo com os grupos as adequações decorrentes do contexto. É um processo dinâmico e exige um envolvimento intenso com a comunidade e ágil com o mundo externo, o que Trigueiro denomina de ativista midiático – pois negocia as práticas comunicacionais e culturais na produção de bens culturais.

## 2. Metodologia e fundamentos

Partiremos da compreensão de memória como um processo de reflexão da história individual e/ou coletiva onde os atores comunicam suas experiências com um novo olhar a partir do momento presente. Memória que traz à consciência da atuação em grupo, que estabelece conexões, que constrói e modifica histórias sociais.

Nessa linha, o acontecimento presenciado pela testemunha ocular não pode ser confundido com os relatos oriundos de lembranças e, menos ainda, tão pouco com os relatos que forem feitos em momento posterior ao ocorrido - mesmo que se trate de uma descrição quase que simultânea realizada por alguém que participou ativamente do acontecimento. Para que se dê a recordação, pressupõe-se um trabalho de reflexão do fato e da realidade que o abarca. Nas palavras de Ecléa Bosi se referindo a Halbwachs:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, *tal como foi*, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI: 1979, 17)

A memória não é passado em forma de recordação, mas a construção de uma visão sobre a história que, ao ser comunicada, ela constitui um novo fato histórico que deve ser

compreendido dessa forma. A memória é um conjunto de fragmentos que fala do passado e do presente, onde atuam fatores de ontem e de hoje, construindo algo novo a respeito do acontecimento que não é possível repetir. E se, por um lado, o lembrar não é simplesmente trazer o passado à tona com a visão do presente, pois é imprescindível o trabalho da reflexão sobre os fatos já vividos; por outro, lembrar do vivido é lembrar de cada indivíduo como protagonista da história e do saber a partir do cotidiano que delimita e expõe suas identidades e que vai sendo modificado em cada etapa de suas atuações, por conta das relações sociais e apropriações de muitos tipos.

É por isso que, recolher simplesmente o depoimento dos protagonistas do passado ainda seria apenas recolher descrições dessas pessoas sobre suas vidas em determinadas localidades. E, na maioria das vezes, seus depoimentos acabam trazendo muito mais uma emotividade e julgamento leviano do senso comum que a realidade objetiva e as ações efetivas na localidade. Então, muitas vezes é preferível acompanhar suas manifestações culturais, observar os comportamentos em diferentes grupos, levantar as redes culturais as quais os sujeitos estão vinculados.

Nesse contexto das manifestações e relações culturais, podemos dizer que tal processo revela necessidades de transformar seu ambiente natural e social para atender anseios que se tornam importantes no momento presente. Trata-se de um processo de comunicação das necessidades individuais e coletivas através de um sistema simbólico singular ao grupo que se comunica. No contexto da folkcomunicação, Antonio Hohlfeldt (2002) citando Luiz Beltrão, afirma que esse processo pode ser definido como:

Os procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos.

Isso implica em compreender o sentido que cada etapa histórica adquire a respeito de um acontecimento vivido. Descrevê-los, no seu cotidiano, destacando seus protagonistas é a possibilidade de ativar os desejos que muitos não viveram, mas guardam como registros em seus espíritos. Esse é o momento em que a comunicação assume seu papel social, ou ainda, esse é o momento em queé ampliado o conceito da Folkcomunicação, segundo Luiz Beltrão (2001, p.24), “para não dar somente a ideia de que o povo utiliza a folkcomunicação para trocar notícias”, mas principalmente para a educação e para a cidadania. E é como faremos a seguir relatando uma experiência de campo.

Esse artigo pretendeu abordar a questão da cultura popular contemporânea e as relações intergrupais como redes comunicativas, e que formam grupos de pressão para a constituição de políticas públicas. Ao propor um estudo com essa abordagem enfatizei o campo da comunicação social – da comunicação em redes sociais – e a compreensão de conceitos como patrimônio cultural, mercado cultural, cultura marginalizada, cultura hegemônica e seus artifícios; bem como, na dimensão das relações da comunicação com as políticas culturais, e com as políticas de acesso à informação marcando um território de convergência de processos.

### **3. Decorrências de campo**

Esta reflexão apresenta apontamentos iniciais de uma pesquisa realizada com um grupo de estudantes universitários da cidade de Bertioga, litoral de São Paulo, que por meio de suas histórias de vida pudemos trazer suas memórias de modo consciente e ponderado; e dessas reconstituições da memória individual pudemos identificar algumas redes culturais comunicativas e as adaptações culturais provocadas pela imigração. Um diagnóstico teórico e empírico em uma via referenciada pela teoria da folkcomunicação e dos estudos culturais.

Trabalhamos com o método etnográfico, em observações participantes em atividade de inserção na realidade local (visita ao Parque dos Tupiniquins, Canal de Bertioga e Mangue com o Barco Escola), e dinâmicas de grupo em sala de aula - entre elas a da “colcha de retalhos”, e a condução de entrevistas em profundidade para que pudessem construir uma autobiografia; e também, na captação de textos em jornais e revistas, documentos de prefeitura e órgãos oficiais para refletir sobre suas memórias e suas ações na cidade, bem como perceber os pontos de convergência cultural.

A visita aos espaços da cidade teve inicialmente o intuito de cumprir atividades pedagógicas do curso de Pedagogia para a formação dos estudantes ligando-os ao ambiente onde vivem. Depois, ativar possibilidade de dinamizar suas práticas profissionais visualizando uma atuação participativa e comprometida com o meio ambiente local. E, por fim, observar as relações e interpretações dessa realidade que cada um dos participantes pode fazer a partir de seus referenciais culturais – formais e informais.

Inicialmente com o grupo no Parque dos Tupiniquins, espaço instituído em homenagem à presença indígena na cidade de Bertioga, uma atividade de reconhecimento à diversidade biológica e histórica. No parque foi possível refletir sobre o patrimônio natural

com as diferentes árvores e pequenos animais e insetos; reconhecer o valor do patrimônio material na visita aos cômodos do Forte São João – considerado uma das fortificações mais antigas feitas no período de colonização portuguesa -, e revelar a importância do patrimônio imaterial por meio de brincadeiras espontâneas que foram resgatadas da memória do grupo após a proposição de duas atividades iniciais de esconde-acha, brincadeira de roda, colocando o passarinho no ninho.

Depois, o grupo foi conduzido ao Barco Escola, um projeto desenvolvido pela Secretaria do Meio Ambiente do Município com apoio do Fundo Estadual de Recursos Hídricos, para que todos os estudantes da cidade tenham contato com os diferentes ecossistemas, patrimônios e histórias de Bertioga. A Barca do Saber, como é chamada, percorre o leito do Canal de Bertioga que fica entre esta cidade e o município do Guarujá. Durante o percurso visita a parte externa do Forte São João e mais três localidades com ruínas históricas: forte São Felipe, Capela do Guaibê e Armação das Baleias. Também chega ao mangue identificando a fauna e flora nos três tipos: o branco, o vermelho e o preto.

No barco, conduzido com a atuação de estagiários (que fazem parte do grupo estudado), aos poucos foram revelados conhecimentos e sensações que a maioria do grupo de estudantes universitários não havia vivenciado. Ao mesmo tempo em que os estagiários traziam informações locais, os estudantes relatavam e relembavam experiências de suas localidades de origem. Um percurso de conhecimento e reflexão.

Em outro momento, em sala de aula, a condução de um relato escrito por meio de uma entrevista em profundidade, os estudantes puderam trazer suas histórias de vida de modo mais completo. Com um roteiro previamente definido, aos poucos um texto superficial, que não ultrapassava dez linhas e as memórias não fluíam em seus detalhes, foi sendo detalhado e complementado por conversas acaloradas entre o grupo que oi ganhando a confiança coletiva e do pesquisador. Dessa atividade surgiram histórias traumáticas de violência doméstica, de preconceito social, injustiça trabalhista, limitações culturais e muitas dificuldades econômicas. Mas também surgiram relatos de grandes amores, festas familiares, brincadeiras, projetos de trabalho, crescimento pessoal e econômico, participação social ativa.

Nesses momentos de troca coletiva foi possível perceber que a história de cada um é resultante do modo como vive, das relações que estabelece. Todos temos e somos referências dos pais e avós, do bairro, das pessoas que estão à volta, dos meios de

comunicação, das instituições, seja na cidade ou no país onde vivemos. Essa composição de partes diversas é o que constitui a diversidade cultural e, nela, estão os traços de cada um, o que leva à identificação cultural. Somos uma “colcha de retalhos” com um pouco de cada vivência individual e coletiva, do passado e do presente.

Então, passamos à terceira etapa da pesquisa, olharmos para nós mesmos, para perceber como somos fisicamente, visualmente. Nossa postura após o entendimento de nossa história de vida. Fizemos uma oficina de fotografia, com a colaboração da fotógrafa Silmara Andere. Uma atividade que proporcionou a autovalorização, o cuidado individual, a proximidade coletiva. Partilhar foto com quem ocorre identidade, com quem estabelece conexão histórica – passada ou presente. Os cliques da máquina fotográfica registraram momentos de pose com vistas às “redes sociais”, depois momentos de superação individual e de grupo.

Por fim, a dinâmica da “Colcha de Retalhos”, que conduzimos conjuntamente com a gestora social Silvia Rangel. Esta dinâmica ajudou a buscar a identidade do grupo, o que significou relacionar sua própria história, com a do colega e com a de todo o entorno. É “entender para respeitar” os modos de ser próprios e os daqueles com quem compartilhamos a vida. E, a partir dessa reflexão levar à identidade cultural.

Com a história de vida em mãos, os estudantes foram sendo conduzidos primeiro a desenhar uma síntese dessas memórias em retalhos de pano. Depois, foram costurando cada retalho uma ao lado do outro de acordo com as identidades que criaram, de modo espontâneo foram formando uma colcha de proximidades individuais e significados coletivos.

Dessa forma constatamos a importância de refletir sobre o passado das pessoas que compõem a cidade onde vivemos; buscar suas origens, identificar seus saberes, compreender seus processos; e mais, pontuar como a trajetória de cada um contribui para a formação de uma rede social, que compõe a comunidade. Indo um pouco mais longe, foi possível refletir de que forma essa diversidade cultural traz diferentes valores que compõem a cultura de uma cidade e do país.

#### **4. Considerações Finais**

Reflexões importantes resultaram desse processo. Como por exemplo, ficou muito evidente a questão relacionada aos movimentos humanos que acompanham as

civilizações. Pelos mais diversos motivos (econômicos, políticos, religiosos) pequenos grupos ou populações inteiras se deslocam de suas cidades, regiões ou países. Nos dias atuais, o reconhecimento das diferentes culturas faz com que os movimentos populacionais adquiram uma importância social indiscutível. O movimento migratório representa um rompimento, quase que total, com o plano material e o plano imaginário. Esse rompimento não vai significar o esquecimento do passado e dos tipos de relações sociais estabelecidas até então, mas vai sustentar um envolvimento forte com o presente para superar os processos de reelaboração cultural e reterritorialização. E foi o que se constatou na realidade do grupo

As situações do cotidiano evidenciam a participação desses estudantes – individualmente ou em grupo - no local onde moram. Pessoas que vem e que vão, que ficam ou partem, formam um fluxo permanente de trocas materiais e simbólicas, em uma festa popular – levando um prato típico da cidade de origem; em um momento de fé – fazendo preces e rituais, de acordo com as doutrinas de suas igrejas; ou ainda, em uma situação de trabalho – atuam com as experiências adquiridas em outras atividades profissionais; e também, quando contam suas lendas, cantam suas músicas, fazem as brincadeiras, e vivenciam tragédias e conquistas que compõem a vida e a trajetória de suas famílias e, portanto, a trajetória de vida das localidades.

Os processos folkcomunicacionais estão inerentes em cada momento dessas vivências. Baseados na experiência coletiva com base em suas memórias, eles criam imagens (causos, casas, práticas cotidianas: pescaria e caça) com o intuito de resolver suas necessidades evidenciadas e, daí, leva a uma identificação com o grupo para apoio e fortalecimento.

Essa narração de experiências individuais e coletivas avança no sentido de explicar e avaliar a própria existência histórica, em movimento e mutação. No entanto, a questão que aqui se coloca de explicar a comunicação do sujeito que recorda, bem como da produção do próprio ato de recordar, compreendendo o sentido histórico de seus desejos e localizando-o no trabalho ou na atividade lúdica, afasta as imagens criadas externamente e evidencia as contradições de sua realidade objetiva.

A compreensão das lembranças e o seu registro em processos folkcomunicacionais como a Colcha de Retalhos, introduz novos princípios éticos, quando constroem sua visão de mundo; e estéticos, quando utilizam a linguagem oral e escrita para contar os causos ou as experiências cotidianas com a natureza, com momentos festivos e afetivos, com o

trabalho. Além do que, e principalmente, introduz novos posicionamentos políticos sociais quando lentamente vão interferindo na comunidade e estimulando um aprendizado rico e criativo.

Constatamos com essas atividades a dimensão da cultura como processo comunicacional e visualizamos as redes sociais explícitas e implícitas em suas histórias. Constatamos que esses espaços formaram oportunidades de comunicação. E, verificamos que em decorrência das diferentes necessidades de cada pessoa, o grupo se volta para uma necessidade comunicacional, o que os faz estabelecer e se posicionar em diferentes redes sociais. Verificamos que por meio dos processos folkcomunicacionais os grupos sociais estabelecem diferentes redes micro e macro estruturais, trocam informações, assimilam características decorrentes desses processos, dando-lhes novas formas e novos significados.

A partir do reavivamento de imagens passadas - retiradas do vivido - o povo todo renova e renasce. Vale a pena ainda destacar que, os hábitos cotidianos nos quais participam os integrantes desse grupo de estudantes na cidade de Bertiooga compreendem um conjunto de cenas que se articulam em uma rede cultural comunicativa e, ao longo do tempo, com a constituição de expressões como a “colcha de retalhos” e a edição de um livro com suas histórias de vida, compõem um verdadeiro veículo de folkcomunicação da memória.

Enfim, são os desejos - as necessidades afetivas e materiais - que serão conduzidos concretamente na atuação social e na relação efetiva entre as pessoas e os grupos sociais e, nesse sentido, são realizados através da cultura quando registram ou recuperam principalmente bens imateriais, e são realizados também, na participação local que induz a criação de políticas públicas alinhadas com suas proposições.

## 5. Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre/RS: Edipucrs, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 4ª ed., 2003.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é política cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Instituto Fazendo História. **Esta é nossa história.** São Paulo: Alaúde Editorial, 2013.

PELEGRINI, Sandra e FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

SCHMIDT SILVA, Cristina. **Folkcomunicação na Arena Global.** SP: Editare, 2006.